



## **Reflexões para a construção dos referenciais teóricos e das bases metodológicas de uma pesquisa em comunicação sobre cordéis <sup>1</sup>**

Gislene CARVALHO<sup>2</sup>  
Klycia FONTENELE<sup>3</sup>  
Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE

### **RESUMO**

Este trabalho discute a metodologia e o referencial teórico utilizados para a pesquisa de conclusão de graduação em Comunicação Social-Jornalismo que compara a literatura de cordel que trata das eleições presidenciais de 2002 e 2006 com o jornalismo opinativo, mais especificamente com o gênero Crônica. Pensar, ainda, a função social do cordel dentro do grupo onde circula e onde exerce função informativa e de formador de opinião. Assim, os cordéis se configuram como uma forma de expressão popular. É quem interpreta os acontecimentos, conta a vida de personagens ilustres, analisa as notícias, faz crítica social, divulga ideias. No caso dos cordéis que pretendemos analisar, divulgam e opinam sobre as vitórias eleitorais de Lula.

**PALAVRAS-CHAVE:** cordel; crônica; Lula.

### **Introdução**

O objetivo deste trabalho é realizar uma discussão sobre o referencial teórico e a metodologia de uma pesquisa que pretende analisar os cordéis que tratam das eleições do presidente Luís Inácio Lula da Silva em 2002 e 2006, tratando-os como Jornalismo de Opinião do gênero Crônica.

Estudar a literatura de cordel como uma forma de jornalismo opinativo, mais especificamente como crônica, permite pensar a função social do cordel dentro do grupo onde circula. Nossa perspectiva é de, com esta análise, observar que o cordel exerce

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no DT 8 – Estudos Interdisciplinares da Comunicação do Intercom Júnior - VI Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Estudante de Graduação 7º. semestre do Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Ceará, email: [mgisacarvalho@gmail.com](mailto:mgisacarvalho@gmail.com)

<sup>3</sup> Orientadora do trabalho. Especialista em Teorias da Comunicação e da Imagem e Professora do Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Ceará, email: [klyciafontenele@gmail.com](mailto:klyciafontenele@gmail.com)



função informativa e de formador de opinião dentro de uma comunidade, a partir do momento em que ele se utiliza do real e atribui a ele um juízo de valor.

Os cordéis refletem a forma como esses poetas do povo encaram a realidade, a partir dos fatos apresentados pela mídia, mas também, a partir dos relatos orais que contam, especialmente, a história sertaneja. Num misto entre passado e presente, antigo e atual, rural e urbano, o cordel traz a forma popular de encarar uma notícia, acrescida de suas opiniões e transformada em poesia.

A escolha dos cordéis que falam das duas eleições de Lula como estudo de caso deu-se devido à importância que o personagem teve e ainda tem no imaginário dos poetas, cuja maioria é nordestina. Por conta dessa presença, Lula é um dos cinco personagens mais recorrentes nos cordéis. E os folhetos que falam da vitória de Lula nas eleições de 2002 e 2006 mostram de forma explícita a opinião dos poetas diante do fato que é a chegada de um nordestino, retirante e ex-líder sindical à Presidência da República.

O referencial teórico estará baseado, principalmente, nos trabalhos sobre cordel de Gilmar de Carvalho e nas definições de crônica de: José Marques de Melo, Jorge de Sá e Afranho Coutinho. Na proposta metodológica, optamos por um estudo de caso delimitando uma quantidade de cordéis para análise. Embora nesta metodologia prevaleça o gênero descritivo, podemos fazer indagações à situação, desenvolvendo uma análise profunda e confrontando-a com teorias já existentes.

A pesquisa procurará identificar características do jornalismo opinativo nos cordéis escolhidos para ser realizado o estudo de caso que terá como base dez folhetos que contam e comentam as eleições de Lula para Presidência nos anos de 2002 e 2006.

Para a realização desta análise, é necessário buscar discussões que possibilitem a compreensão dos conceitos de crônica e de cordel para que seja possível pensá-los simultaneamente, observando o cordel como um tipo de jornalismo opinativo que reúne características próprias do gênero crônica.

Para que se compreenda o motivo que nos levou a pensar no cordel como um tipo de jornalismo de opinião do gênero crônica, as páginas seguintes trazem uma conceituação tanto do cordel quanto da crônica, destacando as características em que se aproximam e que nos permitiram pensá-los como semelhantes.

## **Informação e opinião nos cordéis**



A literatura de cordel é uma manifestação cultural que tem uma concepção original de criação coletiva, pois une o poeta/cantador e o leitor/ouvinte. O cordel representa a versão impressa da poesia popular. Nesse formato, a poesia é transportada com maior facilidade e se torna capaz de propagar ainda mais um caso.

Para o conceito de cordel utilizamos Joseph Luyten (1992), que afirma que muitos confundem literatura de cordel com manifestações poéticas nordestinas. Os cordéis fazem parte dessas manifestações, mas representam apenas a parte impressa dessa poesia. Utilizamos também Kunz (2001), ao afirmar que a letra do cordel é antes de tudo a voz, que sua transmissão passa pela voz, pela performance que requer a presença física, mostra que as duas formas se complementam:

Sabe-se que embora impresso e veiculado pelo folheto, o cordel é uma forma de literatura oral feita expressamente para ser recitada. A rima do cordel é feita para o ouvido e a memória, não para os olhos. Ela é antes de tudo mnemônica e comunicativa. O folheto é apenas o suporte material de uma poesia que permanece oral. (KUNZ, 2001, p. 79/80).

O nome ‘cordel’ vem da Península Ibérica, onde os folhetos eram expostos pendurados em cordas. Esse tipo de literatura se desenvolveu no Nordeste brasileiro e apresenta como grande vantagem a criação e impressão feitas pelo próprio povo. A produção popular é feita como o autor a decide. As ilustrações, normalmente, são com base em figuras gravadas em madeira, xilogravuras: produções gráficas de cunho popular. Frequentemente, ilustram as capas dos cordéis.

Foi aqui no Brasil que prevaleceu esse formato de estrofes de seis ou sete versos, rimados, com acentuada melodia e ritmo, uma poesia muito mais para ser dita e lida em voz alta, onde as marcas do oral se pronunciam de modo acentuado. Pode-se pensar nisso tudo como recurso para memorizar e repetir, como forma de fixar ou como a tradução (ou a adaptação) brasileira de uma poesia que a partir das narrativas tradicionais se impôs. (CARVALHO, 2002, p.291).

Para Carvalho, “todo esse conjunto de histórias, que passaram do oral para o impresso e, quase sempre, fogem do impresso e voltam ao oral, modificadas, com fatos ou episódios acrescentados ou suprimidos, se convencionou chamar de cordel.” (CARVALHO, 2002, p. 287).

Possuem uma grande diversidade de assuntos, com ênfase aos que apresentam a realidade para aqueles “sufocados pelas necessidades imediatas e para quem a linguagem escrita permanece inacessível. O poeta é a voz do silêncio.” (KUNZ, p. 60/61, 2001). Os poetas abordam temas recorrentes do imaginário popular, cujas “armas de combate” são a utopia, o mito, o milagre etc. Os personagens – santos, cangaceiros, vaqueiros, pessoas comuns – cruzam fronteiras imperceptíveis entre real e imaginário.



Assim, os cordéis se configuram como uma forma de expressão popular, onde o cordelista é, de acordo com Kunz (2001), o representante, o porta-voz do povo. É quem interpreta os acontecimentos, conta a vida de personagens ilustres, analisa as notícias, faz crítica social, divulga ideias.

Os cordéis possuem uma capacidade, por atingirem diretamente um grande número de pessoas, de criar mitos, de reforçar estereótipos e de dar suporte ao imaginário popular. “O mundo do cordel é um mundo mítico.” (TAVARES JUNIOR, 1980, p.15). Os cordéis, por possuírem fácil compreensão, conseguem levar suas histórias a diversos lugares.

Kunz (2001) diz que o cordel produz uma linguagem e uma realidade que “inventa e reinventa a tradição”. Os cordéis chamam atenção para fatos novos, extraordinários que permeiam o cotidiano.

Dentro dos estudos sobre cordel, devemos analisar, ainda, conceitos de “nordestinidade”, utilizando autores como Maura Penna e Durval Muniz de Albuquerque Júnior, que relatam que a ideia de Nordeste é algo construído midiaticamente e pelas elites locais na tentativa de manutenção de um *status quo* que sustenta seus privilégios.

O cordel, por ser uma manifestação popular, encontra espaço para informação e opinião sobre fatos do cotidiano. Sua noticiabilidade é definida pela inspiração do autor. Então, fatos importantes, explorados pela mídia, aparecem nos cordéis, sem o temor da concorrência do mercado.

Os cordéis fazem o registro das notícias pelos poetas-repórteres que, além das notícias, manifestam sua opinião sobre elas. Eles registram, também, personagens marcantes de sua cultura, numa espécie de jornalismo popular que, além de informações biográficas, fazem análises destas.

Os cordelistas possuem liberdade para falar sobre o assunto que bem entenderem e da forma que quiserem, sem precisar passar pela censura organizacional das empresas. O aspecto jornalístico desses cordéis é percebido ao se escolher como tema uma notícia factual ou ainda um fato histórico; e sobre esses assuntos, os poetas tecem seus comentários.

A escolha dos temas acontece – na maior parte das vezes – por conta de um agendamento em cima de uma notícia veiculada na mídia. Uma notícia aparece na televisão e acaba repercutindo, às vezes dentro da própria notícia, que demanda uma



continuação, o que em jornalismo se chama de *suíte*<sup>4</sup>, ou ainda virando pauta de assuntos nas conversas informais.

O formato de poesia, a impressão, o tamanho da narração, a presença marcante das opiniões fazem do cordel uma fonte de informação, mas que não pode ser a única. Ele não esgota as dúvidas que podem surgir com relação ao fato relatado, diferente de mídias como a TV e as notícias que são apresentadas por revistas, que, muitas vezes realizam um apanhado histórico. É, pois, uma forma válida de informação, mas que precisa estar associada a outros meios. Inclusive porque, na maior parte das vezes, os temas são influenciados pelo agendamento.

O cordel é um meio de informar às pessoas de uma maneira mais simples, deixando de lado os detalhes e enchendo a poesia de informação e de opinião. E essa opinião é, normalmente, compartilhada pelo público-receptor do cordel, que costuma rejeitar quebras dos valores que já foram estabelecidos em seus costumes.

Os cordéis são, ainda, um dos meios responsáveis pela difusão e manutenção de mitos que permeiam o imaginário popular. Um elemento folclórico nordestino capaz de assegurar a manutenção de muitas tradições. Mas, são, neles também, que encontramos a forma popular de relatar fatos do cotidiano do povo.

Numa espécie de jornalismo popular, o povo encontra no cordel espaço para a liberdade de expressão. “Como literatura popular em verso e jornalismo popular em verso, o folheto de feira era, é, e sempre será ‘romance’ e ‘jornal do povo.’” (CURRAN, p. 570, 1991).

O cordel é, então, uma mídia alternativa e popular, mas que não é suficiente, até mesmo porque ele não tem esse objetivo de servir de jornal. É alternativo, pois não segue um padrão editorial empresarial, mas a do próprio poeta, que tem como linha editorial sua própria concepção de mundo, suas opiniões formadas pelo meio onde vive.

As condições técnicas de impressão e circulação do folheto são apenas mais um fator que nos permite olhar para o cordel e enxergar o popular e o alternativo. Mas o que nos dá condições de os classificarmos assim encontra-se muito mais no seu conteúdo que em sua estética.

As informações são fortemente carregadas de opinião como se fossem crônicas em forma de poesia, que não se encontram na grande mídia; que não está sempre

---

<sup>4</sup> Do verbo francês *suivre*, que significa seguir.



seguindo uma linha editorial dentro dos ditames do mercado e de manuais de redação e estilo.

Os cordéis representam a manifestação de uma cultura popular carregada de conteúdo informativo e opinativo. Daí a importância de se parar para refletir sobre a função social exercida por esse meio que apresenta muito mais do que uma literatura de entretenimento ao se tornar um veículo de informação e de opinião. Resta-nos, então, discutir se tais informações e opiniões possuem caráter jornalístico.

### **A crônica – categoria do jornalismo de opinião**

De acordo com Jorge de Sá (1999), o gênero crônica começa no Brasil com a primeira manifestação literária produzida aqui: a carta de Pero Vaz de Caminha. A carta é classificada por Sá como crônica, pois “recria com engenho e arte tudo o que ele (Pero Vaz de Caminha) registra no contato direto com os índios e seus costumes naquele instante de confronto entre a cultura européia e a cultura ‘primitiva’.” (1999, p. 05-06).

Nas crônicas, os relatos estão bem próximos ao real e, portanto, são a interseção entre o jornalismo e a literatura. Os cronistas têm a possibilidade de moldar e transformar seu texto, através do uso de termos que irão tornar mais intensa a situação presenciada.

Ainda para Sá, a crônica está recheada de atribuições de valores. O cronista oferece seu ponto de vista ao leitor que, normalmente, compartilha da mesma opinião e se diverte com a forma de expressão usada pelo “narrador-repórter”. É assim chamado por relatar um fato, um acontecimento, acrescentando além de sua opinião, traços da literatura e poesia. Articula bem as palavras para transformar um fato causal e corriqueiro em algo que possa ser apreciado e lembrado.

As crônicas são derivadas dos folhetins. Estes eram pequenos contos, artigos, ensaios breves, tudo o que, de forma sucinta, viesse nos jornais para informar os leitores. Sá considera que o cronista João do Rio começa a mudar o enfoque dessas narrativas, incluindo apuração aos seus textos e consagrando-se como “Cronista Mundano”.

Rubem Braga, outro cronista, também é mencionado no que diz respeito à atribuição de comentários:

em vez do simples registro formal, o comentário de acontecimentos que tanto poderiam ser do conhecimento público como apenas do imaginário do cronista, tudo examinado pelo ângulo subjetivo da interpretação, ou melhor, pelo ângulo da recriação do real. (SÁ, 1999, p. 09).



O cronista tem liberdade para escrever e usar a função poética da língua ao reportar um fato de forma mais leve, próxima da oralidade e, portanto, em um tom mais coloquial. Exerce uma função de “antena do povo”, uma espécie de mediador entre o fato e o público que o recebe. Ele dá informações ao público, mas deste também recebe as impressões e as opiniões, seja sobre aquilo que é notícia ou sobre o que ele está escrevendo.

Já para Flora Bender (1993), a crônica é um texto que reúne humor, leveza e tom coloquial. É destinada a quem busca informação e por isso é encontrada em jornais e revistas. Por sua linguagem e por se tratar de um texto curto, alguns a consideram como um gênero menor. A crônica baseia-se na vida, no real.

Bender afirma que são as entrelinhas e as analogias o que realmente importa nas crônicas. O leitor se identifica com as ideias do cronista e se emociona ao ver seus pensamentos transformados em texto. Para ela também, o cronista exerce um papel de porta-voz do povo. As descrições aparecem com força nas crônicas, de acordo com Bender. Dá destaque a características que para alguns passariam despercebidas.

Linguagem metafórica, alegorias, repetições, antíteses, tudo o que a elaboração literária permite é usado como recurso estilístico nas crônicas. No texto que além de literário é jornalístico, aparentemente desprezioso, que parece ser fácil ao leitor, pois “é só passar para o papel tudo o que a gente pensa ou fala.” (BENDER, 1993, p. 76-77).

É uma categoria do jornalismo opinativo que se confunde com a literatura. Deriva do “ensaio” inglês, que se caracteriza por apresentar um texto, definido por Afrânio Coutinho como “informal”, com um “discurso breve” que “interpreta a realidade à custa de uma exposição das reações pessoais do artista em face de um ou vários assuntos de experiência.” (1987, p.275).

A etimologia da palavra “crônica” quer dizer “tempo”, vem do grego Kronos. Por tratar de fatos cotidianos, está ligado ao jornalismo. Assim como fazem os cordéis, comentam fatos marcantes, são agendados pelo que o gatekeeper<sup>5</sup> define como coerentes com os critérios de noticiabilidade<sup>6</sup>.

---

<sup>5</sup> Esta teoria privilegia a ação pessoal, ou seja, o trabalho do jornalista enquanto indivíduo instituído de opiniões e consciência. Refere-se àqueles que têm poder para decidir o que será notícia. Ele é o próprio jornalista. HOHLFELDT, Antonio; MARTINO, Luiz C.; FRANÇA, Vera Veiga. (organizadores) **Teorias da Comunicação: conceitos, escolas e tendências**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

<sup>6</sup> A aptidão potencial de um fato tornar-se notícia chama-se noticiabilidade. Trata-se de um conjunto de requisitos que se exige de um acontecimento para torná-lo notícia. É regrada por “valores-notícias”, que são conjuntos de elementos e princípios, através dos quais os acontecimentos são avaliados pelos meios de comunicação de massa e são analisadas suas potencialidades de produzir resultados e novos eventos que se transformarão em novas notícias. (**Idem**)



Para José Marques de Melo (1985), a crônica possui uma feição de “relato poético do real”, o que a aproxima da literatura. De acordo com Martinez Albertos (Apud. Melo, 1985), as crônicas na América Latina possuem caráter informativo, mesclado de elementos valorativos. Relata os fatos e também os analisa. Daí, pode-se pensar em uma proximidade da crônica com a literatura cordelista, pois se situa entre a informação e a narração literária onde vem embutida a opinião do autor. No caso do cordel, uma narração poética.

A crônica brasileira, ensaio para os ingleses, é um texto que se constitui como uma interpretação de qualquer fato, escrito em linguagem corrente, familiar e sobre assuntos variados. Relato de fatos carregados da opinião, avaliação e interpretação do autor. Elementos que também são presentes nos cordéis.

As crônicas, em forma de poesia dos folhetos, trazem a crítica do poeta popular. São manifestações carregadas de ideologias que traduzem a opinião do povo, mesmo que repletas de ideias do senso comum. A crítica social vem travestida na arte cordelista e, ao comentar os acontecimentos, forma opinião.

Mas, nos cordéis, o jornalismo que surge tem estética diferenciada da de outros veículos noticiosos. O texto em poesia rimada e a liberdade da qual é dotado o poeta – jornalista do povo – transformam as informações e opiniões publicadas no cordel em uma forma de entretenimento, de diversão popular.

### **A escolha de cordéis sobre o Lula**

A literatura de cordel traduz as formas mais eruditas de escrita para uma linguagem popular e cotidiana. As notícias sobre o Presidente do Brasil, Luís Inácio Lula da Silva, desde quando ele era líder sindical no ABC Paulista, são de conotação política e possui uma linguagem que, nem sempre, é acessível a todos. É no cordel que se encontra a tradução de tais notícias para a oralidade em forma de poesia.

O presidente Lula é apresentado na maioria dos cordéis como um herói. É um personagem que reúne várias características que permeiam o imaginário dos nordestinos. O Nordeste, além do lugar onde reside a maioria dos eleitores de Lula, é o lugar de onde sai a maioria dos cordéis que circulam pelo país.

Ele é um herói por ter conseguido vencer as adversidades de ser um nordestino retirante em São Paulo, um sindicalista que virou Presidente da República. Por isso, os próprios cordelistas o consideram um personagem mitológico, comparando-o com



outros personagens muito citados em folhetos de cordel, como Padre Cícero, Lampião, Getúlio Vargas e Frei Damião.

Percebemos, além da identificação, uma gratidão a Lula por ele ter “retirado” a elite do poder, por criar programas sociais de distribuição de renda e que dão segurança, por exemplo, quando a safra corre o risco de não render.

Os cordéis aparecem como um reflexo da impressão que os cordelistas têm sobre o Presidente. Essa impressão que eles têm reflete a impressão que a população que os cerca tem. É no Nordeste que o Lula tem a maior aprovação. De acordo com a pesquisa do DataFolha de fevereiro de 2010, a maior aprovação do Presidente é no Nordeste, onde chega a índices de 84%. Talvez, por isso, os cordéis sejam tão elogiosos às ações do Presidente.

Além de meios de transmissão da biografia e das ações de Lula, os cordéis servem também como uma homenagem àquele que dá aos sertanejos o Seguro Safra, por exemplo. Ao Presidente da Segurança Alimentar e Nutricional, através do Programa Fome Zero. Ao Presidente da esperança de um país que deixaria de ser controlado pelos grandes magnatas. Lula é o herói que luta contra a corrupção em muitos folhetos, como “A peleja de Lula contra o monstro da corrupção”, de Crispiniano Neto (2006).

Crispiniano Neto, no cordel “Bolsa Escola” (2006) defende o programa criado pelo então governador do Distrito Federal pelo PT, Cristóvão Buarque, dizendo que não se trata de uma “esmola”, mas de um “resgate social”. É sabido que o Bolsa Escola vai desembocar, nos dias de hoje, no Bolsa Família, o maior programa de transferência de renda do país, cuja criação no imaginário popular é associada diretamente ao Presidente Lula.

“O pobre que vota em rico”, de Crispiniano Neto, é um cordel, escrito em 1980, que defende que as camadas populares da sociedade devem votar em gente que os representa de verdade e para isso precisa fazer parte dessas camadas também. Como dizem os versos: “Que o pobre que vota em rico/além de pobre é maluco.” (1980, p. 02). Já nessa época, Crispiniano demonstrava sua predileção por as camadas mais pobre assumirem o poder político no Brasil, o que vem a acontecer, pelo menos no imaginário popular, com a eleição do Lula.

Em “O brasileiro é quem diz: deixe o homem trabalhar”, de Arievaldo Viana e Rouxinol do Rinaré (2006), percebemos com maior nitidez a aprovação dos poetas ao Governo Lula. A expressão “Deixe o homem trabalhar” foi usada como slogan na



campanha eleitoral de 2006, quando Lula tentava a reeleição e a oposição criticava os programas sociais criados durante o primeiro mandato.

Então, Lula é um personagem que causa identificação e admiração aos cordelistas, que em seus folhetos o defendem, elogiam e o homenageiam. Relatam fatos de seu governo e opinam sobre eles, deixam nítidos seus pontos de vista em cada caso mencionado nos folhetos. É como se Lula, um único personagem, substituísse todos os outros mitos criados e difundidos pelos cordéis.

### **A opção pelo estudo de caso**

Para a realização da pesquisa faz-se necessária uma divisão da metodologia operacional por etapas no sentido de organizar os procedimentos para sua realização. Para tanto vamos levantar as principais características do gênero crônica e aplicá-las sobre as obras levantadas. Um estudo de caso apresenta-se como necessário para que se delimite o objeto e melhor se possa explorá-lo.

“Ao reproduzir o fenômeno em seu contexto empírico, a descrição relaciona-o com variáveis que intervêm em sua produção. Este procedimento é obtido operacionalmente por meio dos métodos descritivos.” (LOPES, 2005, p. 150). Os estudos de caso estão, para Wolf *apud* Lopes, entre as técnicas mais utilizadas nas pesquisas em Comunicação.

Como pesquisa qualitativa, os estudos de caso evidenciam-se no cenário da educação como espécie de pesquisa de forte cunho descritivo, em que o pesquisador expõe a situação da maneira que lhe é apresentada, não interferindo no objeto sobre estudo. Embora prevaleça o gênero descritivo, podemos observar que os autores dos estudos de caso podem fazer indagações à situação, desenvolvendo uma análise profunda e confrontando-a com as teorias já existentes.

Podemos apontar algumas características gerais dos estudos de caso que os definem como forma de pesquisa. Primeiramente, o investigador objetiva a descoberta, permanecendo atento aos elementos que surgirão, formulando indagações e buscando respostas. A interpretação contextual evidencia-se como fator de relevante importância na compreensão da manifestação do problema, procurando o investigador identificar a multiplicidade dos fatos que o compõe e o determinam. A linguagem dos estudos de caso pode vir a ser mais acessível do que outros tipos de relatórios.

Stake (*apud* MAZZOTTI, 2006, p. 194) aponta três tipos distintos de estudo de caso: intrínseco, instrumental e coletivo. No estudo de caso intrínseco, o motivo que



levou o pesquisador a estudá-lo resume-se no interesse que o próprio caso particular desperta e não na busca de um conceito abstrato ou genérico. Contrapondo-se, no instrumental, o interesse no caso dar-se pela crença de que o estudo sobre ele venha a elucidar a compreensão de algo mais amplo, contestando ou reafirmando uma generalização. Por sua vez, o estudo de caso coletivo trata da aplicação do método utilizado no intrínseco a um conjunto de casos que o pesquisador seleciona, acreditando que estes podem revelar uma melhor teorização sobre demais casos semelhantes.

Apesar das críticas que o estudo de caso recebe como falta de rigor, influência do investigador, extensão e demanda de tempo a serem concluídos, uma orientação teórica bem fundamentada pode oferecer confiabilidade e evidenciar a validade do estudo. Refletir sobre a preparação do estudo pode auxiliar na determinação das questões a serem indagadas, orientando a investigação. Partindo desta compreensão, pensa-se em realizar um diálogo entre autores a fim de que sejam encontradas definições que aproximem crônicas e cordéis.

Diante da múltipla variedade de metodologias para os estudos em Comunicação, optou-se, ainda, por realizar um trabalho cuja metodologia dialogue com o estudo de caso e a pesquisa bibliográfica.

Como pesquisa bibliográfica entende-se o conjunto de procedimentos que visa a identificar informações bibliográficas, selecionar os documentos pertinentes ao tema estudado e proceder à respectiva anotação ou fichamento das referências e dos dados dos documentos para que sejam posteriormente utilizados na redação de um trabalho acadêmico. [...] Pode também ser a etapa fundamental e primeira de uma pesquisa que utiliza dados empíricos, quando seu produto recebe a denominação de referencial teórico (STUMPF, 2005, p.51).

Para o trabalho em questão, no momento da revisão bibliográfica, é necessária uma pesquisa que leve em consideração conceitos que definam os cordéis, a partir de discussões sobre nordestinidade, como os encontrados em Maura Penna e Durval Muniz de Albuquerque Júnior. Ambos explicam a relação entre as imagens criadas sobre o Nordeste e os nordestinos e o conteúdo que aparece nos cordéis, considerando os folhetos como manifestações culturais eminentemente nordestinas.

Tal pesquisa dará um suporte ao estudo de caso que será baseado em uma amostragem com dez cordéis sobre as vitórias de Lula para Presidência do Brasil em 2002 e 2006. Desses, nove são de poetas nordestinos e um de paulista. Todos escritos em um prazo de até seis meses após as eleições. A coleta de dados se faz necessária para a compreensão e comprovação da coerência dos termos utilizados nesta pesquisa.

Diante da complementaridade das técnicas de coleta, é igualmente possível combinar técnicas de amostragem probabilística e não-probabilística. Por



exemplo: numa pesquisa seleciona-se uma amostra aleatória para a qual se utiliza o questionário, devendo-se por isso dar conta da representatividade estatística tanto da amostra como dos dados. Em seguida, seleciona-se uma subamostra de caráter intencional com base no critério da representatividade social (e não mais estatística), à qual se aplica a entrevista. O perfil da segunda amostra é de sujeitos ‘típicos’, e os dados são essencialmente qualitativos. (LOPES, 2005, p. 145).

Podemos classificar, portanto, o estudo de caso desenvolvido no presente trabalho como intrínseco, pois poderíamos analisar quaisquer outros temas, como as campanhas políticas das quais Lula participou, os projetos sociais desenvolvidos em seu governo, ou mesmo sua história de vida. Mas escolhemos as vitórias de 2002 e 2006 para pensarmos nas informações e opiniões que aparecem nos cordéis como espécies de jornalismo opinativo por conseguirmos enxergar a relação dos poetas com a notícia.

Esta pesquisa também pretende comparar a história de vida do Presidente Lula aos mitos e estereótipos criados em torno de personagens nordestinos e seus feitos tratados como heroicos pelos poetas. Sendo necessário, portanto, recorreremos na pesquisa às discussões sobre mito e estereótipo.

Ao compará-los às crônicas e poderemos relacioná-los, será feita uma pesquisa, através dos conceitos de jornalismo opinativo, mais especificamente, do gênero crônica. Serão utilizados autores como José Marques de Melo e Afrânio Coutinho.

Nossa metodologia qualitativa mescla o estudo de caso e a pesquisa bibliográfica. Ao se concluir a etapa dialógica entre a revisão dos conceitos e a análise dos cordéis selecionados, serão realizadas entrevistas com os poetas, para se refletir sobre o processo de criação e o conteúdo dos cordéis, do ponto de vista de seus criadores.

Os dados colhidos serão analisados à luz dos conceitos revisados na pesquisa bibliográfica. A partir deles é que a história de Lula e a relação de identificação dos poetas com o personagem será pensada como uma forma de jornalismo opinativo, onde encontramos opinião, mesclada à informação.

### **Considerações Finais**

Esta pesquisa é referente ao trabalho monográfico para a conclusão da Graduação em Comunicação Social na Universidade Federal do Ceará. Ela seguirá durante um ano, nos semestres 2010.2 e 2011.1, portanto, será concluída logo depois das eleições presidenciais de 2010. Este trabalho segue a sequência de outros estudos relacionados a cordéis, iniciados em 2009, na disciplina de Realidade Regional em Comunicação pela autora.



A escolha do presidente Lula como tema dos cordéis estudados foi motivada pela afinidade com a biografia do nordestino que reúne vários estereótipos dos principais personagens da região e que chegou à Presidência da República. Os cordéis selecionados compõem a coletânea “Lula na Literatura de Cordel”, do poeta Crispiniano Neto, publicado em 2009 pela editora IMEPH. Como amostra, foram escolhidos 10 folhetos sobre as eleições de 2002 e 2006, que para uma pesquisa qualitativa, por hora, parecem suficientes.

Apesar da familiaridade com a temática cordel, é necessário estarmos abertos às novas reflexões que possam surgir no decorrer da pesquisa, havendo a possibilidade dessas reflexões gerarem conceitos críticos às teorias escolhidas e utilizadas até aqui. O sentido primeiro desta reflexão é a investigação científica, portanto, buscaremos manter uma postura investigativa distanciada de conceitos pré-concebidos que possam atrapalhar nossa pesquisa.

Novos autores podem surgir tanto na revisão bibliográfica quanto nos cordéis trabalhados. Novos folhetos podem ser acrescentados à pesquisa com o intuito de complementá-la. Portanto, a reflexão acerca dos referenciais teóricos é importante ser feita antes do início do estudo de caso, para que seja possível o diálogo entre pesquisas já realizadas e para que a mostra escolhida ser analisada à luz de novas reflexões.

## REFERÊNCIAS

- BENDER, Flora. LAURITO, Ilka. **Crônica: história, teoria e prática**. São Paulo: Scipione, 1993
- CARVALHO, Gilmar de. **Cordel, cordão, coração**. Revista do GELNE (UFC), v. 4, p. 285-292, 2002
- COUTINHO, Afrânio. **Crítica e Teoria Literária**. Fortaleza: Edições UFC, 1987
- CURRAN, Mark J. A Literatura de Cordel: Antes e Agora. *Hispania*, Vol. 74, No. 3, Culture p. 570-576, 1991
- HOHLFELDT, Antonio; MARTINO, Luiz C.; FRANÇA, Vera Veiga. (organizadores) **Teorias da Comunicação: conceitos, escolas e tendências**. Petrópolis: Vozes, 2001.
- KUNZ, Martine. **Cordel: a voz do verso**. Fortaleza: Museu do Ceará, Secretaria da Cultura e Desporto do Estado do Ceará, 2001.
- LOPES, Maria Immacolata Vassallo. **Pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Loyola, 2005
- MAZZOTTI, Alda Judith Alves. **Usos e abusos dos estudos de caso**. Cadernos de Pesquisa vol.26, nº 129, São Paulo. 2006



MELO, José Marques de. **A Opinião no Jornalismo Brasileiro**. Petrópolis: Vozes, 1985

NETO, Crispiniano. **Lula na Literatura de Cordel**. Fortaleza: Imeph, 2009

SÁ, Jorge de. **A Crônica**. São Paulo: Ática, 1999

STUMPF, Ida Regina C. Pesquisa bibliográfica. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005.

TAVARES JR, Luiz. **O Mito na literatura de cordel**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1980